



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

TAIANE MASSI

**PRESENÇA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS DE
DUAS TURMAS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CHAPECÓ-
SC**

**CHAPECÓ/SC
2016**

TAIANE MASSI

**PRESENÇA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS DE
DUAS TURMAS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CHAPECÓ-
SC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de História da Universidade Federal
da Fronteira Sul, como requisito para obtenção
do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Me. Everton Bandeira Martins

CHAPECÓ/SC

2016

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Massi, Taiane

PRESENÇA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA PERSPECTIVA DOS
ALUNOS DE DUAS TURMAS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA
PÚBLICA EM CHAPECÓ-SC/ Taiane Massi. -- 2016.
43 f.

Orientador: Everton Bandeira Martins.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de ,
Chapecó, SC, 2016.

1. Violência Simbólica. 2. Bullying. 3. Violência na
escola. 4. Bourdieu. 5. Charlot. I. Martins, Everton
Bandeira, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

TAIANE MASSI

PRESENÇA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS DE
DUAS TURMAS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CHAPECÓ-
SC

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para
obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira
sul.

Orientador: Prof. ME. Everton Bandeira
Martins

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
05/07/2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. ME. Everton Bandeira Martins – UFFS



Prof. ME. Bruno Antonio Picoli – UFES



Vanessa Moura

A minha mãe Cleusa, e meus irmãos
Thais e Tauan.

AGRADECIMENTOS

Foram cinco anos de caminhada, tantos risos e tantas lágrimas, foram noites de insônia, foram tantas amizades, umas tão rápidas e outras que durarão para o resto da vida, quero agradecer a UFFS pelas experiências proporcionadas.

Agradeço a todos os professores do ensino básico por nos mostrarem que o horizonte existe e que devemos sonhar, mas que também somos capazes de tornar esses sonhos, realidade.

Aos Professores do curso, gostaria de dizer muito mais que obrigada, quero dizer que fizeram a diferença nessa caminhada, que levarei cada um para essa nova jornada que está apenas começando. Ao Professor Everton Bandeira Martins quero agradecer especialmente por acreditar e orientar essa pesquisa, pela paciência, pelo auxílio, pelas palavras calmas e pelos “esporros”.

Agradeço a minha família por estarem sempre do meu lado, mesmo distantes, se fazem presente.

Quero agradecer em especial aos meus amigos Andriago Gugel, Marina Ferreira e ao meu melhor amigo e amor Anderson Santos de Souza, por secarem inúmeras vezes minhas lágrimas, por inúmeras vezes confiarem em mim, e por inúmeras vezes não me deixarem desistir.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram não apenas com a pesquisa mas com a minha caminhada na Universidade Federal da Fronteira Sul, meu muito obrigada!

“Cada dia a natureza produz o suficiente para nossa carência. Se cada um tomasse o que lhe fosse necessário, não havia pobreza no mundo e ninguém morreria de fome.” (GANDHI)

RESUMO

A presente pesquisa pretende investigar a influência da violência simbólica no aprendizado de estudantes de duas turmas do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual de Santa Catarina. Por meio de questionários avaliativos, a investigação procurou verificar como 38 alunos das turmas de primeiro e segundo anos do Ensino Médio concebem a violência simbólica, como reconhecem as suas manifestações e se sentem atingidos por ela. A fundamentação teórica sobre o tema estabeleceu um diálogo entre a teoria de Bourdieu (2001) sobre a violência simbólica e a discussão estabelecida por Charlot (2002) e a violência simbólica na escola. Pressupõe-se partindo-se das análises realizadas que violência simbólica na escola é resultado do exercício do poder coercitivo praticado por aqueles que simbolicamente são detentores do poder em relação aos subordinados. Deste modo, a violência simbólica pode ser manifestar na escola na relação entre gestores e professores, professores e alunos e alunos entre si. A prática de *bullying* entre os alunos é um modo de violência simbólica frequente nas relações escolares. A pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou dados bibliográficos e documentais e a aplicação de um questionário a alunos do ensino médio da escola na qual foi realizada. Concluiu-se que os alunos, embora reconheçam a existência de um tipo de violência que não manifesta fisicamente, não conseguem reconhecer a violência simbólica no cotidiano, como concebida por Bourdieu.

Palavras-chave: Bullying, Violência simbólica. Violência na escola. Bourdieu. Charlot.

ABSTRACT

This research aims to investigate the influence of symbolic violence in the learning of students from two high school classes in a public school of the state of Santa Catarina. By means of evaluation questionnaires, research sought to establish as 38 students of the first class and second years of high school conceive of symbolic violence, and recognize its manifestations and feel affected by it. The theoretical foundation on the subject established a dialogue between Bourdieu's theory (2001) on the symbolic violence and the discussion established by Charlot (2002) and symbolic violence in school. Assumes starting with the analyzes that symbolic violence at school is a result of the exercise of coercive power practiced by those who symbolically are in power in relation to subordinates. Thus, the symbolic violence can be manifest in the relationship between school managers and teachers, teachers and students and students with each other. The practice of bullying among students is a way of frequent symbolic violence in school relations. The research, qualitative, used bibliographic and documentary data and the application of a questionnaire to school high school students in which it was held. It was concluded that the students, while recognizing the existence of a type of violence that manifests itself physically, can not recognize the symbolic violence in everyday life, as conceived by Bourdieu.

Keywords: Bullying, symbolic violence. Violence in school. Bourdieu. Charlot.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 A Violência Simbólica na Escola	14
2.2 O <i>Bullying</i> como Manifestação de Violência Simbólica.....	21
3 CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA.....	24
4 A (PERSPECTIVA OU A VISÃO) DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOBRE A VIOLÊNCIA FÍSICA E NÃO FÍSICA NA ESCOLA	30
4.1 As Dissertações	30
4.2 As Produções Textuais.....	32
4.3 Os Questionários	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo discutir a violência simbólica na perspectiva dos alunos de Ensino Médio de uma escola pública.

Pretende-se analisar como os alunos de uma escola pública municipal identificam as manifestações de violência simbólica em seus cotidianos por meio de seus próprios discursos e revisar a bibliografia que referencia as discussões sobre violência escolar e violência simbólica nas escolas.

Pretende-se verificar como alunos do Ensino Médio percebem e refletem sobre a violência simbólica em uma escola pública da rede estadual localizada na cidade de Chapecó, no Estado de Santa Catarina. O interesse pelo assunto surgiu da experiência de estágio realizada na referida escola, na disciplina História, durante o ano letivo de 2015.

Percebeu-se, nos discursos dos alunos em conversas informais, a existência de manifestações de violências físicas entre eles. Algumas trouxeram consequências graves para a instituição junto à comunidade, causando a migração de alguns alunos para outras instituições.

Embora a repercussão do caso e as ações de redução dos casos de violência por parte da escola tenham tolhido as ocorrências, a escola ainda parece assombrada pela violência, que se manifesta não só nas brigas dentro e fora dos muros, mas também nos discursos de alunos para com os seus pares e professores. Essa violência discreta não é facilmente identificada.

Existe uma percepção clara, por parte dos alunos, dos casos de violência física ocorridos na escola, bem como uma opinião sobre os caminhos para a superação da violência física no ambiente escolar. Do mesmo modo, os alunos parecem ser capazes de indicar a vítima e o agressor envolvidos em cada caso de violência física ocorrido na instituição.

O mesmo não ocorre quando se trata do que foi chamado nesta pesquisa de violência não física. Em situações informais, nas quais era visível a prática da violência que não se manifesta em marcas físicas na vítima, mas se revela cruel ao depreciar o seu comportamento, gênero, classe social ou aparência física. Essa violência parece ser praticada em todos os níveis, entre professores e alunos, alunos e professores, professores e alunos entre seus pares, direção e professores.

Manifesta-se como uma demonstração de poder de um sobre o outro e pode ocorrer de diferentes modos e nos discursos mais sutis. Os comentários sobre a vida pessoal de uma professora durante uma reunião, a associação do fracasso escolar e um aluno a sua origem social, a comparação depreciativa feita a respeito dos alunos das escolas públicas em relação aos alunos das escolas privadas, a piada durante o tempo de recreação que um colega faz em relação ao cabelo, ao gênero ou à roupa do outro, são manifestações de violência não física.

Bourdieu (2001) é o precursor do conceito de violência simbólica. De acordo com a sua teoria, esse tipo de violência revela uma tentativa de imposição de um modelo de comportamento por parte do grupo dominante sobre o grupo dominado, representado pelas classes menos favorecidas economicamente.

Nesta relação, o grupo dominado tenta se aproximar ao máximo do modelo de comportamento adotado como ideal pelo grupo dominante. Se a cor dominante é branca, o corpo dominante é magro e o pensamento dominante é neoliberal, o grupo dominado tentará se aproximar desse modelo, de modo natural, sem que o seu esforço seja percebido (BOURDIEU, 2001).

Da observação de formas sutis de manifestação da violência simbólica na escola, emergiu o interesse não só em pesquisar a violência na escola, mas a violência simbólica e como os alunos identificam a manifestação dessa violência em suas vidas acadêmicas e o impacto dessa violência no aprendizado.

Discutir a violência simbólica na escola é importante na medida em que permite a produção de ações que possam romper com estereótipos e comportamentos legitimadores desse tipo de violência.

A educação é central na perpetuação da violência simbólica. Embora exista a crença do senso comum de que a educação é um meio de esclarecimento de um indivíduo sobre as circunstâncias nas quais ele está sendo vítima de violência, o que ocorre na prática é a legitimação de um poder simbólico exercido pelo grupo dominante (BOURDIEU, 2001).

No caso específico da escola pública brasileira, existe o uso da ação pedagógica como modo de prática da violência simbólica, que se manifesta tanto no conteúdo transmitido em sala de aula quanto no autoritarismo exercido pelo professor. Para Bourdieu (2001) os professores não são capazes de destruir a violência simbólica porque é o poder exercido por ele que a legitima. Deste modo, combater a violência simbólica seria combater a si mesmo.

Os alunos se submetem à autoridade do professor, legitimando as mensagens que ele compartilha e aceitando as informações recebidas como corretas, impossíveis de serem contestadas. Essa relação assegura a reprodução cultural e social dos valores do grupo dominante, sendo os professores os representantes desta classe na escola. A hierarquização existente na escola já pressupõe uma violência simbólica na medida em que haverá somente um discurso dominante, ao qual os demais deverão se submeter (CHARLOT, 2002).

É importante que seja realizada uma desconstrução desse discurso por parte dos professores para que as perspectivas dos alunos de áreas pobres sejam ampliadas para o sucesso, corroborando a afirmação de Paulo Freire, que diz “não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz... que, em vez de revelar o mundo das injustiças, torne-o opaco e tenda a cegar suas vítimas” (1987, p. 68).

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, pretende discutir o modo como alunos do ensino médio de uma escola pública concebem a violência simbólica.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, definida por Kirk e Miller como

Uma tradição específica dentro das ciências sociais que depende essencialmente da observação de pessoas em seus próprios territórios e da interação com estas pessoas através de sua própria linguagem e em seus termos. (KIRK E MILLER, 1986 *apud* SPINK, 2004).

Foram utilizados dados que precisavam ser quantificados, visto que foram realizados questionários com o objetivo de perceber a percepção da violência em sala de aula presente no discurso dos próprios alunos. Voltemos, então, ao referenciado:

Cada forma (quantitativa ou qualitativa) de medida ou de materiais empíricos possui limites teóricos (para além de seus limites práticos) relativamente aos diferentes aspectos dos diferentes objetos, e por isso mesmo que jamais se saiba determinar de antemão as fronteiras precisas de um tipo de material ou do tratamento quantitativo ou qualitativo dos dados, nem seu campo de possibilidades (PIRES, 2008, p. 89).

Foi aplicado um questionário elaborado pela autora, que trata do modo como os alunos percebem a violência física e a violência simbólica na escola.

Para provocar a interpretação do conceito de violência simbólica por parte dos alunos, foi utilizado o conceito de violência não física. Embora não seja um sinônimo

da violência simbólica, foi considerado o modo mais simples de apresentar o conceito para os adolescentes. Com o objetivo de aproximar o relacionamento dos alunos com a pesquisa, foi solicitado a eles que elaborassem um breve texto falando sobre as suas histórias de vida e o modo como concebem a disciplina de História.

Foram produzidas 20 redações na turma de segundo ano e 23 redações na turma de primeiro ano.

Foram incluídas questões que pretendiam captar a ideia que os alunos possuem sobre a violência em suas diferentes manifestações.

O capítulo 2 será apresentado as teorias de Bourdieu (2001) sobre a violência simbólica e de Charlot (2002) sobre a violência simbólica na escola. A primeira subseção apresenta argumentos teóricos que esclarecem as especificidades da violência simbólica no contexto escolar para, na subseção seguinte, associar o *bullying* ao conceito de violência simbólica na contemporaneidade.

No capítulo 3 será apresentado o contexto geográfico e socioeconômico no qual a escola está inserida. Para tanto, foram levantados os dados demográficos, econômicos e sociais do município e do bairro de localização da instituição. O capítulo também discute o modo como os episódios de violência ocorridos no entorno geram consequências para a escola.

No capítulo 4 será apresentado a síntese das respostas dadas pelos alunos aos questionários e as discute, relacionando os resultados com a teoria apresentada na pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo apresenta as teorias de Bourdieu (2001) sobre a violência simbólica e de Charlot (2002) sobre a violência simbólica na escola. A primeira subseção apresenta argumentos teóricos que esclarecem as especificidades da violência simbólica no contexto escolar para, na subseção seguinte, associar o *bullying* ao conceito de violência simbólica na contemporaneidade

2.1 A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA

A conceituação da violência simbólica foi baseada na definição de Bourdieu (2001), que também forneceu subsídios teóricos para discutir as especificidades da violência simbólica na escola. Charlot (2002) trouxe importantes contribuições para a discussão sobre a violência simbólica na escola, ao corroborar as ideias de Bourdieu e acrescentar situações específicas de manifestação da violência simbólica.

A violência escolar afeta alunos, professores, família, Estado e comunidade e deve ser pensada coletivamente para que seja superada. Trata-se de um problema de grande complexidade e que ocorre em pequenas e grandes proporções. Existe uma violência que é quase imperceptível e que se manifesta em pequenas ações, como na negação de uma identidade na participação escolar, na privação da manifestação de opções de gênero, religião e comportamento de alguns indivíduos ou na criação de estereótipos pejorativos para um grupo ou uma determinada pessoa por suas características particulares.

Esse tipo de violência se enquadra na definição apresentada por Bourdieu associando o *bullying* ao conceito de violência simbólica na contemporaneidade para violência simbólica, que, para ele aquela se que manifesta a imposição e legitimação da cultura dominante sobre a cultura dominada. O autor completa que a violência simbólica tem na escola a sua maior reprodutora, pois ajuda a inculcar a ideologia dominante no resto da população.

Identificar a violência física na escola é mais fácil e rápido, comparando com a violência simbólica. Para qualquer ato de violência física praticado por um aluno existirá uma punição ou uma intervenção de um professor ou de outro aluno. A

violência física é, de certo modo, condenada em nossa sociedade e, conseqüentemente, em nossas escolas. É fácil perceber que a violência física é um erro. A criança mais precoce é capaz de reconhecer um gesto de violência física e pedir ajuda a um responsável. Isso não ocorre com a violência simbólica.

Quem pratica a violência simbólica muitas vezes não percebe que está cometendo um gesto de violência. Pelo contrário, é com o argumento de que possui a melhor das intenções e o objetivo de adaptar um indivíduo a um ambiente que lhe é estranho que a violência simbólica surge.

Para Charlot (2002, p. 72) a violência pode ser definida como

Golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo.- incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; - violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos.

O autor discute que a violência pode se manifestar de diferentes modos, como nos casos de violência de alunos contra professores e contra os seus colegas e as agressões praticadas pelos profissionais da escola contra os professores. Diz que não se trata de um problema presente somente em escolas públicas ou de periferia, mas de impacto em toda a sociedade. Charlot (2002) afirma, também, que a violência pode ser definida como qualquer ação intencional de um homem que vise agredir um grupo ou uma única pessoa.

Peralva (1997) defende que a violência entre alunos se fundamenta em duas lógicas complementares, que são a encenação de uma discussão verbal ou física e a necessidade de defender uma ideia ou um posicionamento por meio da força. Ali os alunos parecem produzir um sentido de justiça por meio da força. Vence ou tem razão aquele que é mais forte fisicamente. É a reprodução e a reconstrução da cultura da violência presente em nossa sociedade.

Bourdieu (2001) foi o precursor do conceito de violência simbólica que, para ele, está associada à inculcação da ideologia de um grupo dominante sobre um grupo dominado. Ela se manifesta em discursos, gestos e comportamentos que representam o poder da ideologia dominante. Manifesta-se na desvalorização de

crenças, linguagens e hábitos de somente um grupo de indivíduos em detrimento dos demais.

A mãe pratica violência simbólica com o filho, o professor com o aluno, o Estado com o cidadão e assim por diante. Porque pela própria definição Bourdiana, a violência simbólica é a imposição de comportamentos, linguagens, aparência física, étnica e de gênero. Essa imposição autoritária só é possível quando um indivíduo é submetido a um poder coercitivo, o que não significa que essa representação do poder use armas ou profira palavras de ordem.

Para Bourdieu (1994) a violência simbólica é praticada principalmente pelo Estado, que a pratica tanto pessoal quanto institucionalmente por meio de seus representantes, que impõem hábitos, pontos de vista e normas à população. O Estado pratica a violência simbólica como poder coercitivo, representado pela polícia e pelos políticos que costumam representar somente os interesses da classe dominante.

A violência simbólica se traduz em regras, imposições, leis e comportamentos que são impostos e aceitos como naturais. Bourdieu (1994) acredita em um sistema simbólico ao qual a sociedade está submetida e que é regido pela classe dominante. Discriminação étnica e de gênero, preconceito linguístico, má distribuição de renda e má gestão dos recursos públicos são alguns dos resultados da violência simbólica. Estão presentes na sociedade, mas são aceitos passivamente porque, de certo modo, as vítimas acreditam serem merecedoras de tais circunstâncias, a inferioridade é naturalizada. Um exemplo nos discursos sobre as pessoas que são ricas ou pobres porque mereceram ou se esforçaram.

Será realmente que um trabalhador que sai de sua casa em direção ao seu trabalho antes de o sol nascer é privado da convivência com a sua família por conta do período de locomoção e trabalho e recebe um salário insuficiente para todas as suas necessidades no fim do mês é pobre porque não se esforçou suficientemente? Ou será que, desde o seu ingresso na escola, as condições desfavoráveis existentes na sociedade de classes, a violência simbólica praticada por meio da imposição da ideologia da classe dominante permitiu a ele a vida que possui?

A violência simbólica não começa na escola, mas tem nela um de seus mais importantes legitimadores, pois as condições de acesso, recursos e permanência na escola não são iguais para toda a população.

Se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece todo o sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclama ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios (BOURDIEU, 1994, p. 53).

O autor defende que, nas microrrelações de poder existentes no cotidiano, os dominados se submetem sem terem consciência da própria submissão. Não é esse indivíduo submisso quem define a sua identidade, mas as forças simbólicas que o cercam e que são controladas pela classe dominante. Talvez o entendimento do conceito seja de difícil compreensão quando o definimos somente pela literatura, mas a observação das atitudes cotidianas pode contribuir com a discussão.

A ocultação da existência de negros trabalhadores, bem-sucedidos, políticos, intelectuais, artistas e representantes de organizações civis, em atividades que não são subalternas é um exemplo claro de violência simbólica. Esse tipo de representação contribui e consolida as representações sociais existentes sobre o que é ser negro. Contribui também com a construção da identidade do negro por ele mesmo, na qual ele não se identifica como capaz de ser economicamente independente, bem-sucedido ou participantes ativos da sociedade à qual pertencem.

De modo inconsciente, está sendo induzido a se distanciar de sua identidade negra. Para isso a publicidade oferece muitos recursos. Existe o creme que permite ao negro ter um cabelo de branco, as roupas que o rapaz fino da novela veste, a maquiagem que permite à mulher negra ter o rosto mais claro e as roupas que lhe dão uma silhueta menos voluptuosa. O negro vai se adaptando à ideologia dominante e não percebe que está sendo uma vítima da violência simbólica praticada desde a colonização (LIMA, 2001). Assumir-se como negro se torna uma decisão autodepreciativa, pois é reconhecer que é subalterno.

Valores, comportamentos e padrões de consumo considerados como corretos pela classe dominante são como que naturalmente aceitos por parte da população. Um exemplo é o uso de determinada roupa ou acessório que foi utilizado por algum personagem de telenovela. A mídia, representante da classe dominante, divulga insistentemente o item entre a população. Esta, desejosa pela identificação com a classe dominante, que na sociedade é aquela que goza de status e poder, acaba por consumir aquele produto que o identificará, de certo modo, como um representante dessa classe.

Aqueles que não conseguem consumir o que os representantes do poder consomem, podem se sentir discriminados pelos demais ou excluídos da sociedade. Esse tipo de relação também acontece na escola. As crianças compartilham o desejo de uso dos mesmos cadernos, canetas, tênis e acessórios e aqueles que não conseguem participar desse padrão de consumo, eventualmente podem ser discriminados e excluídos do grupo. Esse é um tipo de ocorrência da violência simbólica. Mas um jovem não percebe que, ao ostentar o seu tênis da moda ou o seu novo aparelho eletrônico para um amigo que não o possui, pode estar praticando tal ato de violência. O seu poder sobre o outro é o de que, naquele momento, ao se adequar aos padrões da classe dominante, ele está exercendo o poder sobre o outro. Sobre o papel do consumo na violência simbólica, Bourdieu (2001) afirma que

[...] no funcionamento de uma instituição escolar que, sem dúvida, nunca exerceu um papel tão importante e para uma parcela tão importante da sociedade como hoje, essa contradição tem a ver com uma ordem social que tende cada vez mais a dar tudo a todo mundo, especialmente em matéria de consumo de bens materiais ou simbólicos, ou mesmo políticas, mas sob as espécies fictícias da aparência do simulacro ou da imitação, como se fosse esse o único meio de reserva para uns a posse real e legítima desses bens exclusivos. (BOURDIEU, 2001, p.225)

Bourdieu (1994, p. 7) defende que esse poder simbólico é “invisível o qual pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Os dominados são conduzidos ao entendimento de que são inferiores, de que não estão aptos a vivenciar as mesmas experiências que a classe privilegiada e que merecem as condições de vida às quais estão submetidos.

Na década de 1990 o também pesquisador francês Bernard Charlot estudou o modo como os sociólogos europeus discutiam a violência escolar. Ele percebeu a necessidade de distinguir e classificar a violência, pois, na sua opinião:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da

escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...) (CHARLOT, 2002, p. 434-435).

Bourdieu (2001) elaborou o conceito de violência simbólica, que Charlot (2002) se dedicou a estudar no universo escolar. Pontuou que as escolas têm assistido a um aumento expressivo nas situações de violência entre os alunos entre si e em relação aos professores. Para ele, essas circunstâncias ameaçam a integridade das instituições escolares. O autor também considera importante distinguir a violência em classificações distintas:

a) violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos; b) incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; c) violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional dos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos (CHARLOT, 2002, p. 69).

Não é incomum vermos nas escolas situações nas quais professores são preconceituosos com alunos ou alunos com os seus colegas tanto em relação a comportamentos e aparência, quanto no que se refere ao aprendizado. Muitos professores acreditam que alunos da escola pública não são capazes de aprender, não se interessam pelo aprendizado ou não se dedicam como aqueles das escolas particulares. O Estado impõe avaliações externas com a intenção de ranquear as escolas, contribuindo com a produção de estereótipos. Charlot (2002) concorda com Bourdieu na ideia de que a escola reproduz as relações presentes na sociedade e de que a violência simbólica é uma expressão do poder da classe dominante sobre a classe dominada. No entanto, é menos pessimista ao defender que, na escola, também existe resistência e não só a aceitação e subordinação passiva à violência simbólica.

Heller (2000) concorda com os autores supracitados ao afirmar que a violência simbólica é um modo eficiente de a classe dominante manter a classe dominada passiva e conformada. Para ele, formar indivíduos preconceituosos é um modo de criar estereótipos genéricos para um grupo ou um indivíduo. Esse

preconceito contribui com a exclusão daqueles que não se submetem às regras impostas. Como não existe uma formalização desse comportamento em uma norma ou nas leis, ele se mantém historicamente sem que as pessoas afetadas se reconheçam como praticantes ou vítimas da violência. A homogeneização proposta pela escola já é um modo de exercício da violência. Alunos que não se ajustam ao modo de se sentar, ao tempo em que deve estar atento, ao modo de escrever e de se relacionar não terão sucesso acadêmico.

A escola não está preparada para receber a multiplicidade de experiências e características dos alunos. Nem a escola, nem qualquer outra instituição formal. Mas Heller (2000) concorda com Charlot (2002) no fato de que existe a resistência daqueles que não aceitam a imposição de um único modo de ser. Na escola existem forças antagônicas que impedem que ela seja somente um espaço de reprodução das relações presentes na sociedade.

Tentar retirar a capacidade do aluno de pensar criticamente a sociedade na qual vive e o conteúdo aprendido na escola é uma prática de violência simbólica (HELLER, 2000). É a legitimação da violência simbólica promovida pelo Estado que conduz à exclusão dos indivíduos. Essa exclusão é cíclica e se renova na produção e reprodução da violência. É feita por meio das instituições do Estado, das leis, e dos projetos pedagógicos.

As instituições do Estado são criadas de modo a manter os indivíduos em constante vigilância. A escola agrupa e formata os alunos dentro de um modelo de cidadão definido como ideal pela sociedade dominante. A violência simbólica não está somente nessa imposição de comportamento, mas também no fato de, em muitos casos, os alunos serem agrupados não pelo que são, mas por uma expectativa em relação ao que serão no futuro. É o caso dos alunos considerados rebeldes ou indisciplinados, para os quais a escola não cria expectativas de sucesso.

Em síntese, Bourdieu (1994) defende que a violência simbólica atua de modo inconsciente, em geral por meio de discursos que validam comportamentos, ações e modos de pensar em detrimento de outros. Um modo menos sutil de manifestação da violência simbólica é o *bullying*, que será discutido na próxima seção.

2.2 O *BULLYING* COMO MANIFESTAÇÃO DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Nesta seção será apresentado o conceito de *bullying* e estabelecida uma relação entre ele e o conceito de violência simbólica.

Diferente da violência simbólica implícita sobre a qual o artigo falou até o momento, o *bullying* é a manifestação explícita da violência simbólica. Trata-se de um fenômeno comum nas escolas, caracterizado por um conjunto de atitudes e comportamentos agressivos dirigidos a um aluno ou um grupo de alunos. (RODRIGUES, 1999; ARONSON, WILSON e AKERT, 2002)

Lopes Neto (2005) destaca que o *bullying* é mais comum entre alunos das séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ou seja, é um comportamento comum entre adolescentes e com expressiva ocorrência nas escolas, muito provavelmente porque esse espaço reúne um grande número deles.

Fante (2005) afirma que

O fenômeno *bullying* estimula a delinquência e induz a outras formas de violência explícita, produzindo, em larga escala, cidadãos estressados, deprimidos, com baixa autoestima, capacidade de autoaceitação e resistência à frustração, reduzida capacidade de autoafirmação e de autoexpressão, além de propiciar o desenvolvimento de sintomatologias de estresse, de doenças psicossomáticas, de transtornos mentais e de psicopatologias graves (FANTE, 2005, p. 9).

As vítimas do *bullying* costumam ser aquelas que não agem de acordo com os padrões de comportamento definidos como ideais naquele espaço. Alunos com dificuldade de aprendizagem, comportamento homossexual, opção religiosa distinta daquela da classe dominante, de bairros pobres e que possuam outras características que os diferenciem dos demais em relação ao que é considerado um comportamento ou uma opção adequada pela classe dominante são aqueles que mais estão sujeitos ao *bullying*.

Para Palácios & Rego (2006), não é sem motivo que o *bullying* se manifesta mais entre os adolescentes. A adolescência é uma fase na qual as crianças estão em trânsito para a vida adulta. Nessa fase, a opinião dos seus pares é fundamental para a construção da sua identidade. Em situações nas quais esses adolescentes não conseguem ser aceitos por algum grupo, a pressão pode grande ao ponto de conduzi-los a atitudes de violência extrema, como casos de suicídio e tentativas de ataques aos seus agressores.

Embora o *bullying* seja mais comum entre adolescentes, Lopes Neto (2005) aponta que os seus sinais já aparecem aos três anos de idade, caracterizados pela intenção. O *bullying*, segundo o autor, não ocorre somente nas relações entre os alunos, mas professores que atribuem apelidos aos seus alunos, que classificam os estudantes como inteligentes ou burros e que estimulam a discriminação étnica, religiosa e de gênero também o estão praticando, perpetuando relações de violência simbólica que podem desencadear confrontos físicos e problemas psicológicos.

Paulo Freire (1987) defendia uma educação que superasse a violência, uma educação que se fundamentasse na superação das desigualdades sociais. Essa educação libertadora

é incompatível com uma pedagogia que de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. Uma cultura tecida com a trama da dominação, violência, por mais generosa que sejam os propósitos de seus educadores, é barreira cerrada às possibilidades educacionais dos que se situam nas subculturas dos proletários e marginais (FREIRE, 1987, p. 9).

A educação é um caminho pelo qual o indivíduo pode se emancipar e identificar a violência simbólica em seu cotidiano. Essa identificação é fundamental para que ele a supere e contribua na construção de discursos e atitudes mais igualitários e democráticos.

A escola não está fora da sociedade, não é uma instituição isenta das relações de classe presentes nela. A escola indígena representa o modo de ser daquela comunidade, a escola oriental representa a cultura na qual está inserida e a escola ocidental também. A escola da sociedade capitalista reproduz as relações de classe presentes nessa sociedade. Ele duvida que existam possibilidades de superação das desigualdades da sociedade de classes pela escola. A escola reproduz, não transforma a ideologia dominante (BOURDIEU, 2001).

Concordando com o Bourdieu (2001) no que se refere à escola como legitimadora da ideologia dominante, mas discordando da ideia de que a escola não é uma possibilidade de superação das desigualdades, Charlot (2002) acredita que existem grupos que resistem à imposição da ideologia dominante na escola e fora dela e que é possível o uso da educação como modo de superação das desigualdades sociais.

Foucault (2002) confirma a ideia de Charlot no que diz respeito a educação como possibilidade de superação das desigualdades sociais e acredita que a escola,

como funciona, é mais uma instituição coercitiva agindo pelo Estado, sobretudo na vigilância e formatação dos corpos e das mentes por meio da violência simbólica.

Seja por interesses da classe dominante em ter a classe popular cada vez mais identificada com os seus modos de ser ou pela resistência de muitos profissionais de educação em somente serem reprodutores de ideologias, a educação brasileira vem vivenciando mudanças significativas no enfrentamento à violência na escola, em todas as suas classificações.

Discutir o *bullying* em uma investigação sobre violência simbólica é importante na medida em que se trata de um tema recorrente na sociedade ocidental contemporânea e que possui características de uma violência simbólica. Na escola objeto da presente pesquisa, que será contextualizada na próxima seção, não ocorreram muitos relatos relacionados ao bullying.

3 CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA

Nesse capítulo será apresentado o contexto geográfico e socioeconômico no qual a escola está inserida. Para tanto, foram levantados os dados demográficos, econômicos e sociais do município e do bairro de localização da instituição. O capítulo também discute o modo como os episódios de violência ocorridos no entorno geram consequências para a escola.

Chapecó é uma cidade localizada no oeste do Estado de Santa Catarina. É uma cidade com potencial para agroindústria. Nela estão grandes empresas do setor. A população é de aproximadamente 206.000 habitantes e possui um dos IDHs (Índices de Desenvolvimento Humano) mais altos do Brasil (IBGE, 2012)¹.

O nome é de origem Kaingang e pode ser interpretado como: "chapadão alto", "chapéu feito de cipó" e "põe no chapéu" para nativos da língua ou "donde se avista o caminho da roça". (ROSETTO, 1989)

Foi o cenário da Guerra do Contestado, e da Questão de Palmas disputadas entre os Estados do Paraná e de Santa Catarina durante o período colonial. Essas disputas dificultavam a ocupação da região, pois eram territórios temidos pela população.

Até a década de 1920 a cidade possuía uma população de apenas 11.315 habitantes. O status de município se dava somente pela sua extensão territorial. Foi um período de intensos conflitos motivados pelo desejo de exploração do território que impediam a ocupação da região.²

Existe um campus do IFSC - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina e há também o campus da UFFS- Universidade Federal da Fronteira Sul. A cidade possui 90% de suas crianças matriculadas em instituições de pré-escola. Além disso, 90% da população é alfabetizada. O índice de alfabetização é menor do que a média nacional de 91% de alfabetizados (IBGE, 2012)¹.

A cidade possui uma rede estadual de ensino que conta com 180 escolas, com equipe de 2.200 profissionais. Para atender a demanda profissional das

¹Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=420420&idtema=117&search=santa-catarina|chapeco|ensino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012>>. Acessado em 10 de abril 2016

² Disponível em < <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-239.htm>> Acessado em 10 de abril 2016

indústrias com sede no Estado, existem inúmeras vagas em cursos técnicos profissionalizantes³.

O interesse pelo desenvolvimento da pesquisa na escola da rede estadual de ensino localizada no bairro Bela Vista, no município de Chapecó, em Santa Catarina, teve origem na experiência de estágio realizada por meio da observação das aulas de História durante o ano letivo de 2015.

O bairro Bela Vista é pequeno, de acordo com o censo realizado pelo IBGE para o ano de 2012, possui somente 6.613 habitantes, dos quais aproximadamente 1.700 estão compreendidos na faixa etária de 0 a 14 anos, correspondendo a aproximadamente 26% da população do bairro. Significa que 26% da população de Bela Vista é formada por jovens em idade escolar.

A equipe de profissionais que atua na instituição na qual a pesquisa foi realizada, incluindo professores e apoio, é constituída por 53 colaboradores. A escola tem ampla participação em redes sociais, sustentada por uma página no *FACEBOOK*, um *BLOG*, postagens dos vídeos e das atividades do projeto no *YOUTUBE* e um álbum no *PICASA*. Essas páginas são administradas pela diretora da instituição.

A estrutura da escola conta com 20 salas de aula, 1 sala de diretoria, 1 sala de professores, 1 laboratório de informática, 1 laboratório de ciências, 1 sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado, 1 quadra de esportes sem cobertura, 1 cozinha, 1 biblioteca, 1 sala de secretaria, 1 banheiro adaptado, 1 lavanderia e 2 banheiros para os alunos. Possui 4 computadores para funcionários, 28 computadores para os alunos, 5 televisores, 1 copiadora, 5 equipamentos de som, 1 impressora, 2 equipamentos multimídia, 1 dvd e um retroprojektor. No entanto, existe muita depreciação da estrutura física da escola desde o ano de 2012, quando a ausência de investimentos por parte do poder público e inúmeros incidentes de violência contribuíram com a degradação da estrutura do prédio e de seus equipamentos⁴.

Mesmo com toda a violência vivida pela escola, ela ainda conseguiu se destacar no cenário educacional do Estado, em um movimento de resistência da equipe pedagógica em relação à onda de violência que tomava conta da instituição no ano de 2012.

³ Disponível em: <<http://www.chapeco.sc.gov.br/educacao/escolas>>. Acessado em 02 de abril 2016

⁴ Dados fornecidos pela direção.

Foi elaborado o projeto Tosco, cujo objetivo era discutir coletivamente um livro de mesmo nome que esclarece a comunidade escolar sobre a violência na instituição e indica caminhos para a superação. De acordo com a escola, o projeto se justificava pelo fato de que

Em nossa escola recebemos alunos de diferentes classes sociais e cultura, sendo que alguns deles estão com a faixa etária acima da série em curso. Com toda essa diversidade, percebe-se vários casos de violência verbal e física entre os alunos. Além disso, alunos que fazem uso de alguns tipos de drogas lícitas. Portanto com a aplicação do projeto tosco, procura-se saber quais os tipos de indisciplina mais frequentes, quando ocorrem e o motivo que leva os mesmos a agirem dessa forma e possíveis soluções ou algo que amenize o problema escolar. Bem como proporcionar possíveis diversão e lazer sem necessidade do consumo de estimulantes (BLOG DA ESCOLA, 2012).⁵

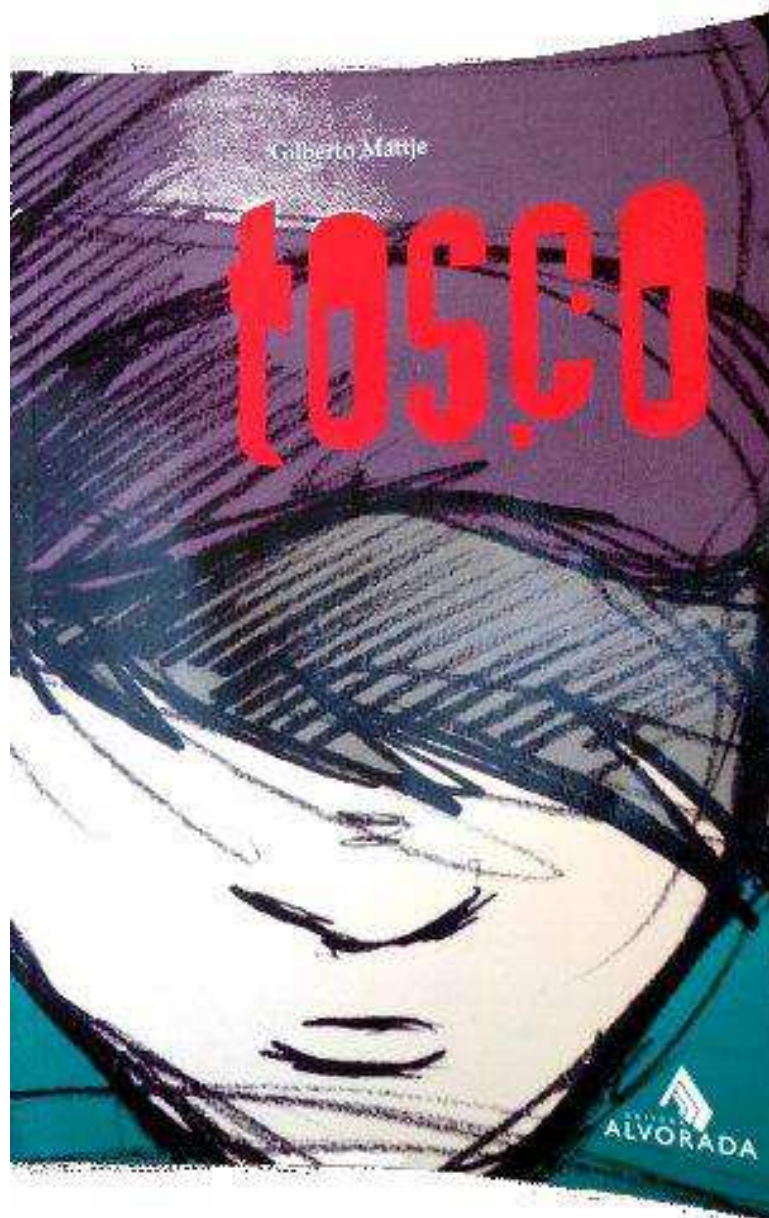
Como é uma escola localizada em uma região próxima ao centro de município, a instituição atende a um público diversificado de alunos, de perfis socioeconômicos distintos. Alunos vindos da região rural convivem com alunos de comunidades dominadas pelo tráfico de drogas e alunos residentes nos condomínios localizados no entorno da escola. Essa diversidade permite a convivência entre alunos de diferentes origens e experiências, que em alguns momentos provocam convergências ou conflitos.⁶

O livro Tosco é de autoria do psicólogo Gilberto Mattje. O livro fala da vida de um jovem cujas dificuldades familiares vividas na infância o conduziram para o caminho das drogas, do alcoolismo e da prática de *bullying*. É um livro que aborda questões presentes na rotina dos alunos, criando empatia entre eles e o personagem. O foco no tema *bullying* trouxe para a discussão também a prática da violência simbólica.

⁵ Disponível em:< <http://eebprofgenicomel.blogspot.com.br/2012/10/projeto-tosco.html>> Acessado em 03 abril 2016

⁶ Disponível em :< http://www.cops.uel.br/vestibular/2016/provas/1a_Fase/19001_2_DEF.pdf> Acessado em 03 de abril 2016

Figura 1 - Capa do Livro “Tosco”



Fonte: Gilberto Mattje, 2009.

Também em 2012, um curto circuito provocou um incêndio em uma das salas, quase provocando ferimentos nos alunos e assustando ainda mais a comunidade escolar. O projeto Tosco prosseguiu, com o objetivo de

Levar o educando a criar perspectivas para o futuro dando sentido a vida, independente do contexto em que está inserido. Melhorar a relação entre os educandos; Conscientizar-se a respeito do que é ser cidadão, direitos e deveres de cada um; Tornar a escola um ambiente agradável de aprendizagem e que a leitura seja uma das ferramentas fundamentais para que o ajude na construção do ser.

A escola pretendia, com o projeto, reduzir os índices de violência entre os alunos e alertar para os riscos do consumo de drogas. Existia uma preocupação em alertar os jovens considerados vulneráveis para os riscos do uso de drogas ilícitas. Como atividade complementar, foi introduzido o PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas), projeto desenvolvido pela Polícia Militar, no qual policiais são orientados a prestar esclarecimento sobre os riscos do uso de drogas a crianças e adolescentes por meio de visitas às escolas.

Essas ações podem ter sido eficientes, pois atualmente a violência física parece ter sido reduzida na instituição. A resistência dos profissionais pode ter sido importante para que a escola não fosse ocupada pelos criminosos frequentadores do bairro ou esvaziada pelos alunos com medo de serem vítimas de violência. No que se refere ao combate da violência física, o projeto contribuiu com a redução das ocorrências e, conseqüentemente, assegurou a ocupação da escola com atividades pedagógicas e ações voltadas para a comunidade.

A escola atende a 722 alunos, distribuídos em 183 alunos que cursam os anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º), 243 cursando as séries finais (6º ao 9º ano) e 297 alunos no ensino médio. O ensino médio não é oferecido na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O desempenho do ensino fundamental no Ideb (Índice de Desempenho da Educação Básica) é de 4,0, e está dentro da média do Estado de Santa Catarina, que é de 4,1⁷.

Embora a escola tenha sido prejudicada pelos casos de violência na região e na própria instituição iniciados no ano de 2012, há evidências de que existe um movimento de resistência por parte dos profissionais que ali atuam, que impede o esvaziamento da instituição e favorece o desenvolvimento acadêmico, evidenciado pelas boas notas nas avaliações externas.

A pesquisa foi realizada com os alunos do ensino médio. O primeiro ano do ensino médio tem 169 alunos matriculados e o segundo ano tem 67. A pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 1º e uma turma de 2º anos. Colaboraram alunos da turma 203 e alunos da turma 103.

A turma 103 é formada por 23 alunos. Eles estão compreendidos na faixa etária entre 14 e 16 anos. A maioria dos alunos trabalha em atividades informais ou

⁷ Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/estado/124-santa-catarina/ideb>>. Acesso em 12/2/16.

como jovens aprendizes. Existe uma adolescente de 16 anos que divide o seu tempo entre a vida de estudante e os cuidados com a sua filha de um ano e uma jovem de 15 anos que é órfã e mora em um abrigo comunitário⁸.

Entre os alunos dessa turma é comum ouvir reclamações relacionadas à dificuldade de conciliar o trabalho com os estudos. Um deles relatou em sua redação ter abandonado o trabalho para conseguir concluir os seus estudos, situação que nem sempre é possível a todos.

⁸ Dados fornecidos pela direção durante a realização da pesquisa.

4 A (PERSPECTIVA OU A VISÃO) DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOBRE A VIOLÊNCIA FÍSICA E NÃO FÍSICA NA ESCOLA

Este capítulo apresenta a síntese das respostas dadas pelos alunos aos questionários e as discute, relacionando os resultados com a teoria apresentada na pesquisa.

No segundo semestre do ano de 2015, os alunos das turmas noturnas de 1º e 2º anos do ensino médio da instituição objeto deste estudo foram convidados a participar de uma atividade que tratava da violência na escola.

A atividade propunha que eles respondessem a um questionário baseado na escala de likert⁹, que pretendia coletar as informações relacionadas ao modo como os alunos concebem e identificam a violência física e não física na escola. O nome violência não física é uma aproximação do conceito de violência simbólica de um vocabulário conhecido pelos alunos.

Antes da resposta aos questionários, os alunos foram convidados a dissertar brevemente sobre as suas histórias de vida e escolares, em uma redação.

4.1 AS DISSERTAÇÕES

A relação entre o aluno o conhecimento é mediada pela ação pedagógica realizada pelo professor (VYGOTSKY, 1998), mas o conhecimento produzido pelo aluno também é mediado pela interação que ele estabelece com os outros e com a relação que o objeto possui com o seu cotidiano. No entanto, o professor tem um importante papel na construção do universo simbólico do aluno, pois ao mediar a relação entre o aluno e o conhecimento ele também influencia o modo como o aluno dará significado às coisas. A escola que está situada em um ambiente violento trará aos alunos significados de violência que serão atribuídos àquela experiência.

Para entender como os alunos representam a violência em seu cotidiano, foi pedido que elaborassem uma redação sobre as suas vidas, de tema livre, mas que aqueles que desejassem também poderiam falar sobre as suas experiências com a violência física e não física em seus cotidianos. Nesse processo, os alunos

⁹ Escala criada pelo matemático Likert, que apresenta afirmativas que devem ser classificadas por níveis concordância.

produziram diferentes textos, dos quais alguns trechos foram retirados para análise nas categorias violência física e violência não física (simbólica).

Para elaboração das dissertações, os alunos foram orientados a escreverem livremente, de acordo com as informações que desejassem oferecer à pesquisa sobre as suas vidas e o que acham das aulas de História.

A turma de 1º ano, cujo número de identificação na escola é o 103, é formada por 23 alunos na faixa etária compreendida entre 14 e 19 anos. Destes, 12 são jovens trabalhadores. Os trabalhos dividem-se em oficinas mecânicas, atividades de babá e jovens aprendizes. Quatro alunos não informaram sobre o exercício de trabalho remunerado e três alunos dos que não trabalham estão aguardando convocação para a atividade de jovem aprendiz ou procurando emprego.

Entre os alunos existem 3 órfãos, sendo um deles órfão de ambos os pais, circunstância que o levou a residir em um abrigo para menores com os seus dois irmãos. Em relação à disciplina de História, todos os alunos a associaram à importância das aulas para que se compreenda o passado. Os alunos parecem conceber a disciplina História como aquela responsável por explicar os eventos ocorridos no passado da sociedade.

A turma de 2º ano se caracteriza pela existência de 15 alunos compreendidos na faixa etária entre 15 e 25 anos. É uma distinção expressiva entre as idades, o que configura uma turma bastante diversificada.

Todos os alunos trabalham. Dois deles são jovens aprendizes, duas são estagiárias de cursos técnicos no SENAI e os demais se dividem em secretárias, trabalhadores de oficinas mecânicas e técnicos administrativos. Aproximadamente metade da turma estuda também em um curso técnico. Os alunos não falaram sobre as suas vidas familiares, com exceção de uma aluna que falou de sua gestação de 5 meses e outra que afirmou ter sido adotada por uma professora pois sofria maus tratos por parte do pai.

É importante observar que os alunos também concordam que a História é a disciplina na qual se aprende sobre o passado da humanidade e que todos apresentam perspectivas para o futuro associadas a continuidade da formação, como o desejo por cursar um curso tecnológico ou um superior.

Seguem abaixo alguns trechos extraídos dos depoimentos dos alunos e que se enquadram na categoria violência não física:

“Tenho 16 anos... trabalho a tarde cuidando de um piá de 7 meses e a noite venho estudar”
 “trabalho o dia todo”
 “moro em um lar (abrigo) porque meu pai está preso, a 3 anos que não o vejo”
 “tenho 15 anos e trabalho”
 “tenho 16 anos.. trabalho em uma mecânica de caminhão...adoro mesmo o trabalho sendo pesado e sujo”
 “tenho 15 anos e cuido de uma criança”
 “trabalhava em uma padaria e sai porque atrapalhava meus estudos”
 “trabalho o dia todo e a noite venho para a escola”

Os alunos não pareceram perceber que as condições nas quais vivem podem representar situações de violência simbólica. Segundo Adorno (1992), isso se deve ao fato de que pessoas submetidas constantemente à situações de violência tendem a banalizá-la, naturalizando ou aceitando passivamente a sua ocorrência. Em um mundo pouco generoso para essas pessoas, naturalizar essa hostilidade pode ser um meio de superá-la ou aprender a conviver com ela.

Corroborando o que nos diz o autor, existe a defesa de Paulo Freire (2001) sobre a necessidade de que a relação entre opressor e oprimido seja superada, pois essa aceitação passiva, que entende a submissão como necessária e natural é internalizada de modo a impedir que esses alunos transcendam suas situações socioeconômicas. Para essa situação Bourdieu (2001) entende essa aceitação passiva do precário apoio do Estado ao desenvolvimento dos jovens da periferia como violência simbólica, mas Adorno diz que se trata de uma regressão dos sentidos, pois os submetidos à violência a aceitam sem se rebelar.

Sobre a violência não física, ocorreu somente um relato:

“Morava com o meu pai, mas ele me tratava mal, ele bebia, me batia sempre, eu não podia pegar no livro que ele vinha me bater”.

Dos 38 alunos depoentes, somente uma revelou ser vítima de violência física em sua redação. Os resultados dos questionários procuraram identificar como os alunos percebem a violência simbólica na escola.

4.2 AS PRODUÇÕES TEXTUAIS

É interessante observar, no discurso dos alunos, o relato da violência simbólica, que se manifesta na negação da possibilidade de desfrutar a infância por

parte deles, que desde cedo precisam exercer atividades remuneradas para contribuir com o sustento da família.

“Meu nome é L.C, tenho 16 anos, moro com meus pais no bairro x, trabalho a tarde cuidando de um “pia” de 7 meses e a noite venho para aula, não gosto de estudar, mas gosto de algumas matérias e de vim para aula”.

“Trabalho o dia todo, tenho 17 anos gosto de andar de moto não gosto de ler nem de escrever muito tem dias que chego muito cansado na escola moro com meus pais”.

“Meu nome é NNS, tenho 15 anos, moro no Alvorada em uma casa lar (abrigo) porque minha mãe morreu quando eu tinha 6 anos meu pai esta preso a 3 anos que não o vejo, tenho mais 4 irmãos, 3 meninas 1 menino. Não gosto muito de ler mas gosto das aulas de historia”.

Na turma 203, que já está no penúltimo ano do ensino médio, a faixa etária é semelhante a da turma anterior. Os alunos possuem entre 15 e 24 anos, mas parecem mais preocupados com o futuro após a escola. Existe uma aluna grávida e uma aluna que declarou ter sido retirada da guarda do pai por ser vítima de maus tratos praticados por ele. Dos 20 alunos, somente um deles não trabalha. É interessante notar que Chapecó é uma cidade com muitas indústrias, que oferecem empregos de jovem aprendiz para esses adolescentes em período de meio turno, situação que ajuda a manter esses alunos na escola.

“Trabalho com servente de azulegista, estudo uma vez por semana”.

“Faço curso de padaria e trabalho no que aparece pra fazer”.

“Sou menor aprendiz de PCP”.

“Trabalho na Aurora Alimentos no setor de departamento pessoal”.

Todos demonstraram interesse em ingressar no ensino superior. Na maioria dos casos não foi identificada uma associação entre o curso pretendido e a função exercida atualmente. Nenhum deles manifestou o desejo de lecionar.

“Pretendo cursar engenharia civil na UNOESTE”.

“Pretendo terminar o Ensino Médio, passar no ENEM e cursar Direito”.

“Pretendo fazer um curso técnico e mais tarde fazer alguma engenharia”.

Nos questionários associados à percepção da violência e da violência simbólica (questionários que serão melhores trabalhados no decorrer do trabalho)

por parte dos alunos não foram identificadas manifestações de reconhecimento de atitudes violentas por parte dos professores em relação a eles.

Casos de violência ocorridos no bairro no qual a escola está localizada afetaram a rotina dos alunos e dos profissionais da instituição. A escola procurou combater a violência física por meio do envolvimento de toda a comunidade escolar em um projeto de conscientização sobre o impacto da violência na comunidade. No entanto, todos reconheceram algum tipo de violência por parte dos seus colegas.

4.3 OS QUESTIONÁRIOS

Os questionários estavam organizados em afirmativas para as quais os alunos deveriam indicar um nível de concordância. Eram cinco níveis de concordância: CT – Concordo Totalmente; C – Concordo; NC/ND – Não Concordo/ Nem Discordo; D - Discordo; DT – Discordo Totalmente.

As respostas dadas foram sistematizadas nas tabelas que discutiremos a seguir:

Tabela 1 - Respostas da Turma 103

QUESTÕES	CT	C	NC/ ND	D	DT
A violência não física ocorre sempre que me sinto agredido na alma	7	10	1	3	2
O <i>bullying</i> é um tipo de violência não física	13	6	2	2	0
Ser vítima de violência física me atrapalha nos estudos	5	6	5	5	2
O professor é quem mais pratica a violência não física	1	1	6	11	4
Os meus colegas são os que mais praticam a violência não física	5	7	6	4	1
Eu já fui vítima de violência não física por parte dos meus professores	1	2	0	12	8
Violência não física não existe	0	0	1	5	17

O professor exigir silêncio e que fiquemos sentados é um tipo de violência	3	1	1	8	10
O professor precisa exigir que fiquemos sentados para que a ordem seja mantida	13	9	0	1	0
Consigo perceber todas as vezes em que ocorre a violência não física	10	9	2	2	0

Houve uma dificuldade em aproximar o conceito de violência simbólica do entendimento dos alunos. Nessa busca, optou-se por associar a violência simbólica a aspectos subjetivos, como o desconforto provocado pela sensação de se sentir alvo de uma agressão que não se manifesta em marcas físicas, mas não físicas. Por este motivo, a primeira questão perguntou aos alunos se eles consideravam a violência não física aquela que os atingia na alma.

Na turma 103, a maioria dos alunos demonstrou concordância com o conceito apresentado, do mesmo modo com concordaram que o *bullying* caracteriza este tipo de violência.

Sobre o modo como a violência simbólica interfere nos estudos, não existe consenso. Os alunos não parecem identificar o modo com a violência não física interfere em seus desempenhos acadêmicos, do mesmo modo como não percebem a prática de violência não física pelos professores. Para eles, a violência não física é praticada pelos alunos entre si.

As três últimas afirmações procuravam verificar se os alunos eram capazes de relacionar o conceito de violência não física ao exercício do poder coercitivo por parte dos professores. As respostas indicam que os alunos acreditam que os professores precisam exercer esse poder para que a ordem seja mantida e a aula seja desenvolvida, não reconhecendo nessa necessidade algum indício de prática de violência. No entanto, a maioria deles acredita ser capaz de reconhecer todas as vezes nas quais é vítima da violência não física.

Tabela 2 - Respostas da Turma 203

QUESTÕES	CT	C	NC/ ND	D	DT
A violência não física ocorre sempre que me sinto agredido na alma	5	8	0	1	1
O <i>bullying</i> é um tipo de violência não física	13	2	0	0	0
Ser vítima de violência física me atrapalha nos estudos	3	8	2	1	1
O professor é quem mais pratica a violência não física	0	0	5	5	5
Os meus colegas são os que mais praticam a violência não física	1	7	5	2	0
Eu já fui vítima de violência não física por parte dos meus professores	1	0	4	6	4
Violência não física não existe	0	0	0	3	12
O professor exigir silêncio e que fiquemos sentados é um tipo de violência	0	0	5	4	6
O professor precisa exigir que fiquemos sentados para que a ordem seja mantida	4	5	1	3	2
Consigo perceber todas as vezes em que ocorre a violência não física	4	7	2	1	1

As respostas dadas pela turma de 2º ano se assemelham às dadas pela turma de 1º ano, exceto pelo fato de a 2ª turma concordar acreditar que a violência não física é prejudicial ao desempenho acadêmico, diferente do que acredita a turma de 1º ano.

Nas respostas dadas aos questionários, observou-se que os alunos acreditam ser capazes de identificar a violência simbólica (entre eles tratada como violência não física) quando ela se manifesta.

De fato, eles parecem identificar a manifestação de violência não física sempre que ela é realizada individualmente ou direcionada a um determinado indivíduo, como no caso do *bullying*. No entanto, não parecem ser capazes de identificar a violência simbólica quando ela é realizada por meio do poder coercitivo do professor, da escola ou do Estado, por exemplo.

Essa afirmação é possível quando analisamos os depoimentos dos alunos em suas redações. Todos eles estavam cientes de que a pesquisa era sobre a violência não física na escola e estavam livres para se manifestar sobre isso em suas redações. Preferiram, entretanto, relatar as suas histórias de vida, evidenciando somente os casos nos quais se sentiram vítimas da violência física.

No entanto, a maioria dos estudantes admitiu ter sido vítima de violência não física em algum momento da vida, tanto por parte de colegas de escola quanto de alguns familiares. Nos casos dos pais que agridem os seus filhos, também está subjacente uma relação na qual a violência simbólica se faz presente, visto que o exercício da violência física por parte dos pais é frequentemente aceito pelos seus filhos por entenderem que os pais possuem um poder superior e podem exercê-lo de diferentes formas.

A violência não física relatada pelos alunos também é consequência da falta de oferta de serviços por parte do Estado com as comunidades periféricas.

Só um maciço esforço de resgatar a dívida social o mais rapidamente possível, junto com uma profunda revisão do nosso falido modelo de segurança e justiça, é que nos permitirá vislumbrar no horizonte um país menos injusto e violento. (OLIVEIRA, 2002, p. 185).

Apesar de os alunos não reconhecerem a violência não física em suas rotinas, as suas histórias de vida são carregadas, por si só, de situações nas quais são vítimas da violência simbólica executada principalmente por parte do Estado. O fato de estes estudantes serem alunos de turmas noturnas, e dividirem suas rotinas entre escola e trabalho já é indicativo de circunstâncias que não garantiram no acesso e a permanência desses alunos no ensino regular.

Corroborar também com um quadro no qual esses alunos são vítimas da violência simbólica exercida pelo Estado o fato de a maioria deles precisarem trabalhar para sustentar a família ou contribuir com a renda familiar. Os alunos têm o direito de vivenciar a infância e a adolescência negado pela necessidade de um emprego que lhes permita sustentar a família.

A violência simbólica esteve presente em todos os textos dos alunos, referindo-se principalmente ao exercício do trabalho. Também parece estar presente na atividade da professora, que considera os alunos do ensino noturno como menos inteligente e, por isso, oferece para ele conteúdos considerados mais fáceis de entendimento, mas que não os instrumentaliza para o mundo.

A maioria dos textos produzidos pelos alunos que se enquadra na categoria violência simbólica é decorrente das relações sociais estabelecidas pelos alunos com a sociedade. São atos de violência simbólica resultantes das relações sociais e que revelam que a relação entre opressor e oprimido é aceita sem nenhuma percepção por parte de ambos, da violência implícita. A opressão é aceita como inevitável e natural. A vontade de oprimir e a aceitação da opressão são posturas internalizadas.

É difícil desconstruir as construções simbólicas dos sujeitos. No entanto, existem modos de se construir significados que estejam relacionados à sensibilidade e ao prazer, que não estejam tão vinculados às necessidades de sobrevivência dos alunos, como o trabalho. São atividades capazes de oferecer a esses jovens a autonomia necessária para uma vida mais livre. O ensino noturno por si só já é um lugar que abriga pessoas vítimas da exclusão e da violência.

O exercício de propor aos alunos a elaboração de um texto pareceu mais profícuo em comparação com o levantamento de dados estatísticos, pois deu aos alunos o protagonismo discursivo. Eles puderam falar sobre as contradições e as experiências de violência de acordo com as suas percepções, embora muitos tenham preferido falar de suas histórias de vida.

O aluno do noturno, ao ser estimulado a escrever sobre as suas experiências, torna-se autônomo da sua história. Uma ponte interessante a ser feita pelo professor da disciplina, visto que todos os alunos relacionaram a História somente ao entendimento dos fatos passados.

É importante, em uma escola que busca a autonomia e a construção de uma identidade por parte dos alunos, que as narrativas contadas pela História também

falem sobre os alunos como sujeitos históricos. Do modo como descreveram a disciplina, os alunos pareceram entender que se trata de uma história alheia a eles. Eles não se sentem contemplados na história contada nas aulas. Essa história parece residir em um mundo fantástico, como se fosse narrativas de contos de fadas e não estivesse em um contexto contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa era verificar como os alunos identificavam a violência simbólica em suas rotinas escolares, incluindo o relacionamento com os seus pares e professores. A coleta de dados incluiu a resposta a um questionário e a elaboração de uma redação.

A escola tem papel fundamental na mudança das situações de violência simbólica vivenciadas pelos alunos da escola pública brasileira, começando pela definição de relações mais igualitárias entre professores e alunos, que permitam a superação da ideia de que os homens devem dominar uns aos outros. Nessa ideia subjazem conceitos de cultura e sociedade permeados de preconceitos e definições de classes. Aquele que possuiu maior capital cultural é considerado como capaz de dominar aquele que não possui.

Os alunos não consideram a imposição de regras de comportamento realizada pelos professores como um modo de violência, como também não reconhecem a violência na necessidade de conciliar o trabalho com os estudos, provocada pela estrutura de uma sociedade extremamente desigual.

Para Bourdieu & Passeron (1982), a violência simbólica é resultante do exercício de um poder simbólico que "impõe significações de forma explícita ou dissimulada" e se apresenta nos textos dos alunos principalmente em forma de trabalho, que é para todos eles uma obrigação, indo de encontro à ideia de que existe uma violência material (ter) que também é simbólica e é legitimada pela prática pedagógica escolar e pelo Estado, ao permitir que alunos adolescentes e crianças das classes trabalhadoras o exerçam, estimulando por meio de isenções fiscais aos empregadores e valorização do trabalho.

Os alunos do noturno em sua maioria são alunos pobres, que geralmente não tiveram condições de concluir os estudos na idade regular pela necessidade de trabalhar. Na ideologia dominante, são alunos considerados incapazes de alcançar uma formação superior devido às suas dificuldades cognitivas.

É necessária a construção de metodologias que identifiquem as peculiaridades deste público, conduzindo-os ao entendimento da realidade sócio histórica na qual estão inseridos e rompendo a lógica de que tais alunos não conseguirão alcançar altos níveis de formação acadêmica, restando-lhes apenas subempregos. A produção de expectativas de superação é realizada pela escola.

Ao serem induzidos a falar sobre o mundo no qual vivem, por meio dos depoimentos escritos, somente uma aluna relatou a sua experiência com a violência física realizada pelo pai. No entanto, a sutileza da violência simbólica foi descrita por todos os estudantes que de algum modo a vivenciam diariamente em suas realidades sociais.

A escola é um espaço e possui o debate com uma ferramenta para que as condições de violência simbólica e, em muitos casos, física às quais esses jovens estão submetidos sejam superadas. Mas isso não tem ocorrido nas escolas. Pelo contrário, a escola perpetua essa situação excludente, e o Estado oferece essa modalidade de ensino sob o suposto pretexto de reparar a distorção idade/ série, quando na verdade oferece um currículo reduzido, incapaz de oferecer a esses alunos a possibilidade de transcendência econômica ou cultural.

A pesquisa surpreendeu ao verificar a ocorrência de somente um depoimento que revela a submissão de uma aluna à violência física, em comparação a todos os outros que demonstraram casos de violência simbólica, embora os alunos não os reconheçam como tal.

Sobre a capacidade de os alunos em reconhecer quando são vítimas de violência não física, eles pareceram reconhecê-la somente quando ela é praticada de modo explícito, como no caso do *bullying*. Em seus modos mais sutis, ela não foi reconhecida pelos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Teoria e estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- ARONSON, E., WILSON, T. D., AKERT, T.M. **Psicologia Social**. 3ªed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: Ortiz, R. & Bourdieu, P. **Coleção Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CHARLOT, B. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, Porto Alegre, n.8, p. 432-443, 2002.
- FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying. **Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: VERUS, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 30 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- HELLER, A. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Ediciones Península, 2000
- KIRK, J. & MILLER, J. (1986) **Reliability and validity in qualitative research**. Beverly Hills, Califórnia: Sage, apud SPINK, M.J.P.. O estudo empírico das Representações Sociais. In: SPINK, M.J.P. (org.) O Conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense. 2004
- LIMA, E. **Avenida Brasil 1**: curso básico de português para estrangeiros. São Paulo, EPU. 2001
- LOPES NETO, A.A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria Online**. Vol. 81, nº 5 (supl.), p. 164-172, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021>. Acesso em 12/10/2015.
- OLIVEIRA, Nilson Vieira (Org.) **Insegurança Pública**: Reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- PALÁCIOS, M.; REGO, S. **Bullying**: mais uma epidemia invisível? In: Revista Brasileira Educação Médica. Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, 2006.

PERALVA, Angelina **A generalização da violência como modo de regulação das interações humanas na região metropolitana do Rio de Janeiro: a violência juvenil.** São Paulo, Relatório de Pesquisa/CNPq, mimeografado. 1997.

PIRES, Á. P. **Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais.** In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008.

RODRIGUES, A. **Psicologia Social.** 18ªed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999

ROSETTO, S. Síntese histórica da região Oeste. Caderno do CEOM. Chapecó, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.